



OS ÚLTIMOS DIAS DO CAFÉ PLANETA

José D'Assunção Barros¹

Recebido em: 23 nov. 2020

Aceito em: 05 mai. 2021

DOI: 10.26512/aguaviva.v6i3.41797

Somente eu no Café

O mundo acabou-se

Numa nódoa tônica

Ou com o último doente

De um vírus suicida

Passarinhos cantando

Se foram prá sempre,

Palmeiras tremendo

Não há mais,

Toda espécie de vida

Era demais

Somente eu no Café ...

Indago ao destino

Questões irreais

¹ Doutorado em História pela Universidade Federal Fluminense (1999), Mestrado em História pela Universidade Federal Fluminense (1994), graduação em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1993), graduação em Música (Composição Musical) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989). Professor Associado da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), nos cursos de Graduação e Pós-Graduação em História, Professor do Programa de Pós-Graduação em História Comparada da UFRJ. Coordenador e líder do LAPETHI - Laboratório de Pesquisas em Teoria da História e Interdisciplinaridades. E-mail: jose.d.assun@globomail.com



As garrafas vazias
Não me respondem,
As mesas ausentes
Não me contestam,
Sequer do silêncio
Outrora inexistente
Partem palmas de gente
Ou apupos de ente

O que eu não daria por uma vaia!
Uma daquelas vaias gosmentas
Que grudam na pele por toda vida
Uma vaia daquelas cruéis
Que nos dão vergonha
Depois da piada mal resolvida

Queria ter perto ao menos uma tosse
Ouvida por acaso
Contra o empenho do silêncio
Ou, quem não sabe,
uma respiração entrecortada
Que anunciasse vida
Onde não há mais vida



Ainda que fosse, então, um chiado negro

Que escapou da estante

Vindo de alguma traça

(Ah, mas nem mesmo o trânsito

Lá fora passa)

Somente eu, no Café

O mundo encontrou a solução

Que os filósofos não pensaram:

Não há mais problema

Não há mais questão

Apenas eu não me furto ao hábito

De freqüentar a nação

As cadeiras e mesas

Vazias de gente

Me contemplam

Aqui, neste Café

Reúne-se toda a humanidade do país

(quiçá da Terra)

Que sou eu